

## Um Shakespeare cheio de moral

Para o ator argentino Gabriel Chamé, juntar Shakespeare e palhaçaria é uma coisa muito natural. “Shakespeare trabalhava diretamente com palhaços, os humoristas que estavam presentes em todas as peças. Trabalhava tanto a tragédia quanto o humor, porque o público também ria nos momentos trágicos. Ele era um artista muito comercial, não eram quatro horas de espetáculo sério e entediante: havia muito entretenimento, com tensão dramática e também comédia”, explica o argentino, que traz para o Cena Contemporânea uma versão clownesca de Medida por medida.

Na peça escrita pelo bardo no século 17, um duque déspota se disfarça para observar um deputado puritano enquanto governa. De olho também nos cidadãos, o duque acompanha o deterioramento da moral do puritano, que condena um homem à morte para poder seduzir sua irmã, uma freira. “No caso de Medida por medida, me parece muito interessante a contradição entre uma moral muito rígida e, ao mesmo tempo, algo que ressoa muito no presente, em que tudo é cínico”, explica Chamé.

## CENA CONTEMPORÂNEA TRAZ ESPETÁCULOS QUE UNEM A LINGUAGEM DA PALHAÇARIA A TEXTOS CLÁSSICOS DA DRAMATURGIA

# É TEMPO

Nahima Maciel

O primeiro fim de semana do Cena Contemporânea tem um cardápio de espetáculos com as mais variadas temáticas, com direito a comédias clownescas recheadas de dramas shakespearianos e

outros clássicos. Confira algumas das peças que estão em cartaz de hoje até domingo como parte do festival, que este ano completa três décadas e traz uma curadoria mais voltada para a América Latina.



“Com o que aconteceu com Bolsonaro, e agora com todas as contradições do período Lula, a peça ganha uma ressonância política muito forte.”

Para o ator, o desafio de fazer Shakespeare com dramaturgia de clown está em equilibrar certos aspectos do texto com o trabalho físico. E neste caso, como se trata de uma comédia, ele até reduziu o texto. “Porque, como faço muito clown, não preciso acrescentar

cômicos. Nesta peça, há pelo menos seis personagens cômicos. O complicado é desenvolver um gag físico enquanto se diz o texto de Shakespeare. Isso é muito complexo”, diz Chamé. “Ou seja: criar um registro chaplinesco, onde a linguagem física e o gag visual — que são muito importantes no meu trabalho — se unam à poética verbal de Shakespeare e à narração de uma história.”

De qualquer forma, para o



argentino, viver os personagens do dramaturgo inglês é um presente para um palhaço porque as histórias são muito

claras e as ações, muito simples. “E isso permite aprofundar o que realmente se quer contar”, diz Chamé.

## TRÊS PERGUNTAS PARA / GABRIEL CHAMÉ

### O que é o que mais lhe fascina em Shakespeare de maneira geral?

A quantidade de obras e, sobretudo, a qualidade das histórias: como são contadas com simplicidade e, ao mesmo tempo, com uma eficácia impressionante da ação dramática, seja cômica ou trágica. Há uma força muito grande no que é narrado, uma potência no que está escrito. As palavras de Shakespeare são uma maravilha, têm uma profundidade filosófica incrível. Uma única imagem pode gerar muitas ideias, nos

fazer pensar, e ao mesmo tempo exige que a gente cavalgue junto com ele, porque Shakespeare avança numa velocidade enorme com o verbo. O que me fascina é justamente esse aspecto analógico do teatro e como Shakespeare nos conecta com o teatro antigo, criando uma espécie de ressonância com o teatro que fazemos hoje.

### Quanto aos personagens, qual a marca de Shakespeare?

Em Shakespeare todos os personagens, todos os humanos, estão dentro dessa tragicomédia

da vida, em que tudo é horrivelmente trágico e atravessado pelas nossas falhas humanas, pelas nossas contradições de valores. E, ao mesmo tempo, ninguém é apenas culpado. Mesmo o mais “vilão” dos vilões — e nisso Shakespeare é genial, porque ele sabe fazer vilões muito maus e heróis muito bons — ainda assim o vilão é inteligente, e a gente acaba admirando. E o “bom” está cheio de contradições. Isso é fascinante: ver a vida com mais abertura, não com a simplicidade barata que querem nos vender de que existe o bem e o mal, os bons e os maus. Isso me parece ridículo. Shakespeare nos diz:

“Não, o problema está em todos, ninguém escapa, todos estão envolvidos.” Isso é fascinante.

### A realidade do mundo está cada vez mais distópica. Como a palhaçaria se relaciona com o real?

É uma loucura a manipulação que vemos atualmente através das redes, do mundo moral, do que se pode, do que não se pode, dos extremismos de extrema-direita e extrema-esquerda, que são muito violentos para aqueles que querem viver em paz, e também a mentira constante, as fake news, que fazem com que a gente não saiba mais

o que é verdade, o que é mentira — e a única solução que temos é não dar atenção. No entanto, quando se faz esse tipo de teatro, o interessante e o belo é sentir que, de alguma forma, nos colocamos numa posição de contestação diante desse mundo. Essa forma de contestação tem a ver com desenvolver uma beleza artística, a possibilidade de criar algo que comova o público e mude sua vida. Para mim, o mais político, o mais importante, é conseguir que o público vá ao teatro, viva ali algo que lhe mude a vida em termos de felicidade, e saia completamente transformado e feliz com o que viu.